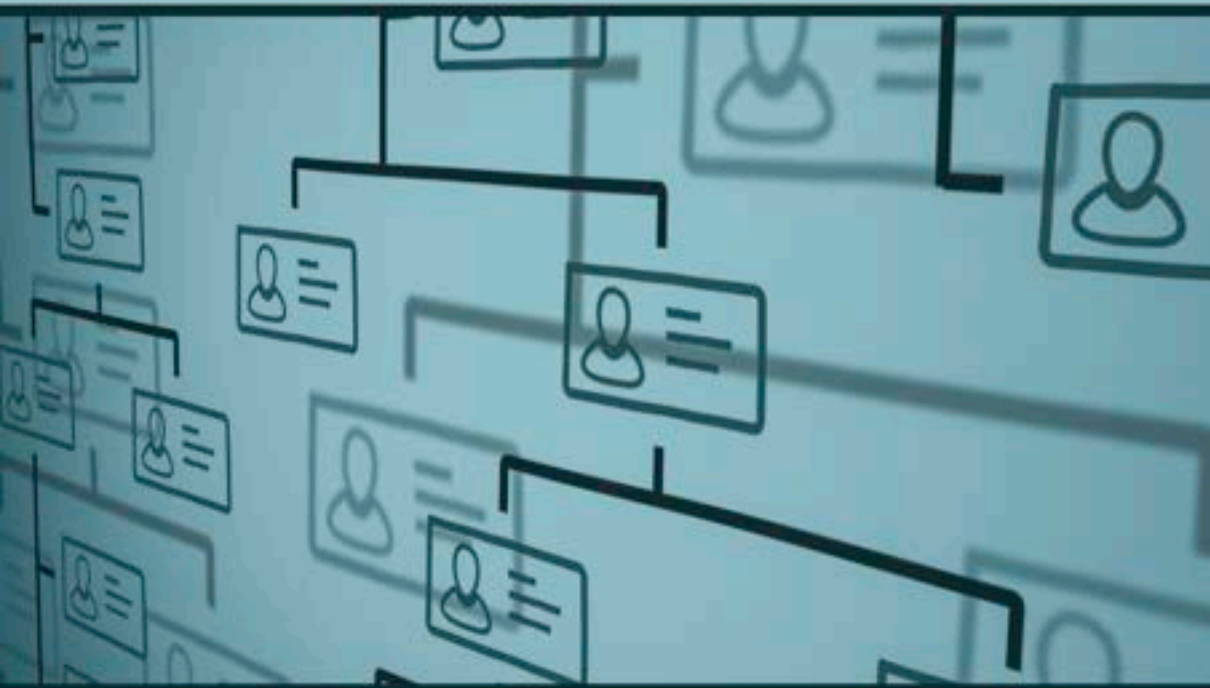


Jhonas Geraldo Peixoto Flauzino  
(Organizador)

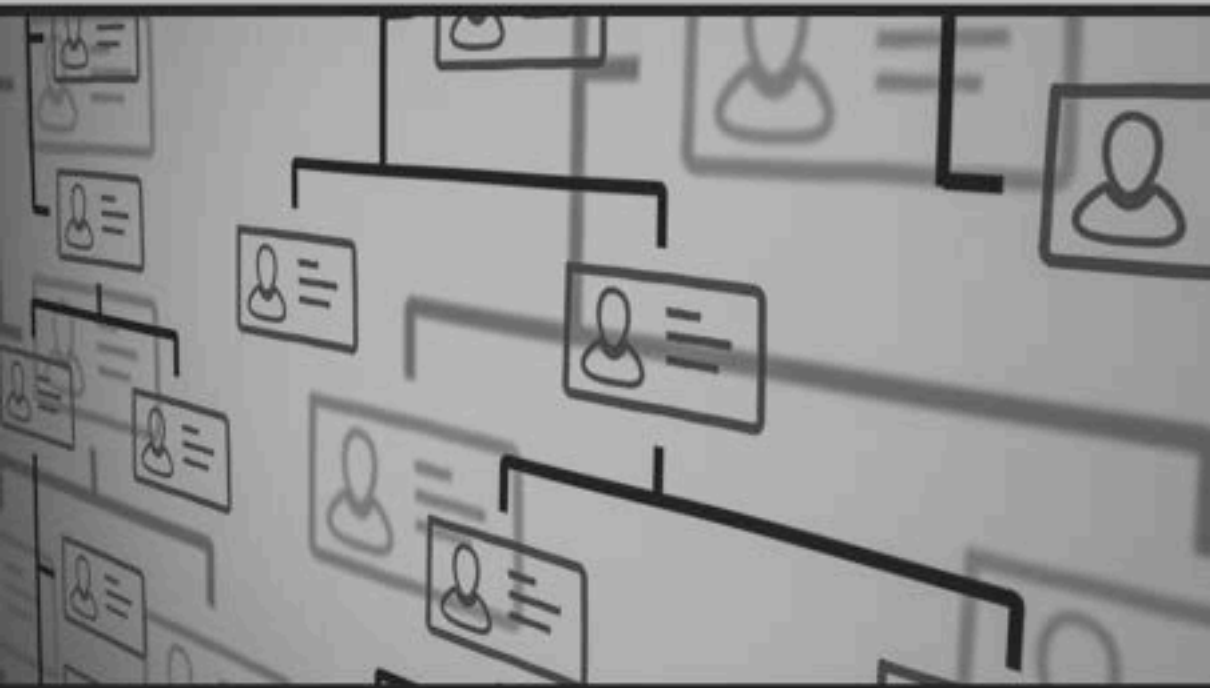


# CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional

**Atena**  
Editores  
Ano 2022

Jhonas Geraldo Peixoto Flauzino  
(Organizador)



# CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional

  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Jhonas Geraldo Peixoto Flauzino

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional / Organizador Jhonas Geraldo Peixoto Flauzino. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0399-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.999221208>

1. Ciências Sociais. I. Flauzino, Jhonas Geraldo Peixoto (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editores  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Há cerca de 500 anos antes de Cristo e antes mesmo da época de Sócrates, o filósofo Heráclito dizia que “nada é permanente, exceto a mudança”. Neste momento passamos por um processo acelerado de mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. O termo “mudança” vem do latim “cambiare”, que significa substituir uma coisa por outra.

A modificação do estado normal das coisas gera expectativa e apreensão. Posto que é um evento incerto e desconhecido, e por vezes, não previsível. Nesse sentido, diversas autoridades dos diferentes campos do saber vêm buscando fórmulas e meios para reduzir a incerteza, ou até mesmo antecipar-se aos eventos futuros.

É nesse caminho que a presente coletânea composta por 19 capítulos, vem para estimular a nossa curiosidade e despertar-nos do conforto. Nela é discutido uma gama de assuntos, desde a avaliação das medidas restritivas adotadas pelas autoridades por ocasião do COVID-19, a debates sobre o combate ao tráfico ilícito de drogas nas fronteiras do Brasil, e assuntos atinentes a revolução digital no mundo dos negócios.

Isto tudo, para citar apenas três artigos da presente obra. Garanto-vos uma fonte rica de estudos relevantes e atuais. Trata-se de uma obra carregada de vivências de seus autores, o que pode vir a proporcionar aos leitores uma oportunidade significativa de análises e discussões científicas.

Que o entusiasmo acompanhe a leitura de vocês!

Jhonas Geraldo Peixoto Flauzino



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A INEFICÁCIA DAS MEDIDAS ADOTADAS NO ESTADO DE COISAS INCONSTITUCIONAL E A COVID-19 NAS PRISÕES BRASILEIRAS


Helio Gustavo Mussoi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212081>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO UM APRENDIZADO AUTONOMO PARA O EMPREENDEDORISMO

Carine Cimarelli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212082>

### **CAPÍTULO 3..... 23**

A IMPLANTAÇÃO DO TERMO CIRCUNSTÂNCIADO DE OCORRÊNCIA (TCO) NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE RONDÔNIA: UMA ANÁLISE DOS BENEFÍCIOS E DIFICULDADES DE SUA CONFECÇÃO NO POLICIAMENTO OSTENSIVO OPERACIONAL

Frederico Carneiro dos Santos

Elizabeth Macuco Zanetti Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212083>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

APERFEIÇOAMENTO DO CONTROLE BIBLIOGRÁFICO NO ÂMBITO DA BIBLIOTECA DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE MINAS GERAIS

Regina L. P. Dell'Isola


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212084>

### **CAPÍTULO 5..... 54**

AS DINÂMICAS SOCIAIS E O DESENVOLVIMENTO NO TERRITÓRIO URBANO NA CIDADE DE CALDAS NOVAS/GO

Rayza Correa Alves Gonçalves

Hamilton Afonso de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212085>

### **CAPÍTULO 6..... 65**

BLOCKCHAIN: TECNOLOGIA DE REGISTRO DISTRIBUÍDO

Patrick A. B. de Sousa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212086>

### **CAPÍTULO 7..... 75**

BRASIL: A DICOTOMIA ENTRE A RIQUEZA E O DESENVOLVIMENTO

Stefano Almeida Lopes

Antônio de Lisboa Lopes de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212087>


**CAPÍTULO 8..... 83**

**COMBATE AO TRÁFICO ILÍCITO DE DROGAS NAS FRONTEIRAS DO BRASIL**

Anderson Montes Santos

Allycia Araujo Jovelino

Bernardino Cosobeck da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212088>

**CAPÍTULO 9..... 92**

**CONFLITOS TERRITORIAIS: ALTAMIRA UM MASSACRE ANUNCIADO**

Márcio Teixeira Bittencourt

Peter Mann de Toledo

Gilberto de Miranda Rocha


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9992212089>

**CAPÍTULO 10..... 109**

**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: POLÍTICAS PÚBLICAS E SABERES TRADICIONAIS NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS**

Antônio Valmor de Campos


Jane Acordi de Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120810>

**CAPÍTULO 11..... 122**

**FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO: DA POLÍTICA MUNICIPAL À CENTRALIDADE DO ESTADO NOVO**

João Sena Zanon Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120811>

**CAPÍTULO 12..... 134**


**HOUSING IN PORTUGAL (1992-2008) A MULTIDIMENSIONAL PERSPECTIVE ON THE BEHAVIOUR OF ECONOMIC AGENTS**

António Duarte Santos

Guilherme Castela

Iris Lopes


Nelson Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120812>

**CAPÍTULO 13..... 149**

**MANIFESTAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS PELO MUNDO: O QUE OS GRITOS DAS RUAS ESTÃO QUERENDO DIZER?**

Larissa Ramalho Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120813>


**CAPÍTULO 14..... 161**

**O ACESSO À INFORMAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL: A TRANSPARÊNCIA DA GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA COMO MECANISMO DE PREVENÇÃO E COMBATE**

## À CORRUPÇÃO

Pedro Henrique Hermes


Aline Martins Rospa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120814>

## **CAPÍTULO 15..... 173**

### O ACORDO DE PARIS E A DEFESA AMBIENTAL BRASILEIRA


Danilo Lopes de Mesquita

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120815>

## **CAPÍTULO 16..... 186**

### O IMPACTO DA GESTÃO DA LOGÍSTICA INTEGRADA SOBRE AS EMPRESAS

Rufice Miguel Mucarre

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120816>

## **CAPÍTULO 17..... 196**

### REVOLUÇÃO DIGITAL E NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS: O FENÔMENO DA UBERIZAÇÃO E OS IMPACTOS NA INTENSIFICAÇÃO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL

Railson Marques Garcez

José Samuel Scriviner Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120817>

## **CAPÍTULO 18..... 211**

### SISTEMA DE BONIFICAÇÃO E A SEGURANÇA DO TRABALHO NOS AMBIENTES PROFISSIONAIS

Patrícia Pereira Pacheco

Vilson Menegon Bristot

Cristina Keiko Yamaguchi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120818>

## **CAPÍTULO 19..... 222**

### BARREIRAS NA PAISAGEM DA CIDADE: A AVENIDA FARRAPOS E O 4º DISTRITO

Silvio Belmonte de Abreu Filho

Simone Back Prochnow

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.99922120819>

## **SOBRE O ORGANIZADOR..... 236**

## **ÍNDICE REMISSIVO..... 237**

## MANIFESTAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS PELO MUNDO: O QUE OS GRITOS DAS RUAS ESTÃO QUERENDO DIZER?

*Data de aceite: 01/08/2022*

**Larissa Ramalho Pereira**

Assistente Social, Doutora em Serviço Social pelo PPGSS/PUCRS da Escola de Humanidades e Professora Substituta do Departamento de Serviço Social da UFSM

**RESUMO:** Nesta última década as pessoas têm acompanhado manifestações e movimentos de protestos espalhados pelas ruas e praças públicas pelo mundo. Essas ondas de manifestações requerem um olhar atento e minuciosas para compreender o objetivo fim das mesmas. Para tanto, este artigo se propõe a refletir e sinalizar alguns caminhos que melhor entenderão o que move as pessoas a se envolverem nesses movimentos de protestos, bem como se cada manifestação impetrada do Oriente ao Ocidente, se conectam de alguma maneira e como isso ocorre. Desta forma o presente estudo se caracteriza por ser de cunho bibliográfico, pois recorre a literaturas que abrangem história, sociologia e filosofia; bem como documental, tendo em vista a consulta a jornais e revistas que noticiaram e registraram os fatos ocorridos a época. Incita refletir sobre a realidade vivida, transcendendo a aparência, a superficialidade, estudando os movimentos sociais em sua natureza primeira. Por isso é imprescindível analisar as manifestações e movimentos de protestos ocorridos no globo no decorrer desta última década, no intuito de entender o que levou as pessoas a um nível de insatisfação

e desalento que as ligaram enquanto corpos políticos na busca por mudanças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento de protestos; movimentos sociais; manifestações globais.

### 1 | INTRODUÇÃO

Aproximadamente há uma década o mundo tem vivenciado intensos movimentos de protestos, os quais se intensificam e se expandem sem precedentes. Passa-se a impressão que um determinado acontecimento localizado seja capaz de mobilizar uma série de outros acontecimentos, que as ideias por não respeitarem regras espaço e tempo só precisam de canais propulsores para se expandirem e ocuparem seu espaço na história. Desde a Praça de Tahrir, que reuniu mais de 1 milhão de pessoas exigindo a renúncia do regime de Mubarak em 8 de fevereiro de 2011, o Egito passou a sentir o peso que as ruas podem apresentar. Tais manifestações contaram em grande parte com o impulso da recente revolta propagada na Tunísia, entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, que levou à saída do presidente que ocupava o cargo desde 1987. Esses acontecimentos no mundo árabe, culminaram no que a mídia e a literatura denominaram de Primavera Árabe.

Daquele momento em diante tensões que já estavam a ponto de eclodirem foram tomando corpo e força, do Occupy Wall Street

(2011) à China (2014), da Espanha (2011) a Grécia (2010 a 2012), até o Brasil de 2013 que viu surgir movimentos de protestos de rua das mais diferentes ordens e amplitudes. Não obstante, mais recentemente em Paris os Coletes Amarelos não deixam que o presidente Emmanuel Macron esqueça as razões pelas quais permanentemente estão as ruas a protestarem: a intensa marginalização cultural e social que vem precarizando a vida das classes populares a mais de três décadas na França.

É evidente que a precarização da vida atingiu um grau de sofrimento material e social que resultou diretamente na indignação coletiva dos sujeitos. Desta forma, entende-se que os protestos nunca terminarão, a não ser que “por milagre, o mundo se transforme num lugar perfeito. Até lá, os manifestantes serão aqueles que vão apontar problemas e exigir sua solução» (JASPER, 2016, p. 11). Sendo assim, qual é o pano de fundo que permeia esses movimentos? Quais os problemas que se tem exigido soluções? E afinal, está se gritando a um governo ou ao mundo? Esses, são alguns dos questionamentos que se pretende levantar no decorrer deste artigo, muito embora não se pretenda explorar todos os movimentos de protestos mais recentes do mundo. Assim, buscar-se-á examinar alguns considerados mais significativos para daí retirar um norte para a compreensão das mudanças sociais, culturais e políticas em curso.

## **2 | MANIFESTAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS PELO MUNDO**

Não é novo na história da humanidade que as pessoas protestam. Nem todas suportam a subserviência e opressão caladas. Formas de resistência, seja individual ou coletiva, são empregadas contra aos abusos e insatisfações a que estão expostas, haja vista os “escravos, servos e outros sob vigilância estrita encontram meios sutis, como cuspir na comida do senhor, fazer-se de ignorantes ao receberem ordens, realizar tarefas malfeitas, roubar ou quebrar objetos de valor” (JASPER, 2016, p. 37). Cada tempo histórico, espaço social e pertencimento de luta irá possibilitar formas distintas de resistência, algumas estratégias de resistências precisam ser cuidadosamente aplicadas, pois a insubordinação pode levar a morte.

Neste contexto, o tempo presente possibilita o emprego de estratégias distintas de reivindicar, protestar, manifestar e mobilizar a atenção de governantes e do mundo frente as insatisfações e opressões sentidas pelo povo. Também os meios de organização e mobilização contam com importantes ferramentas, antes inexistentes, as tecnologias da informação e comunicação são fundamentais para expor e socializar lutas e, quiçá atrair mais adeptos e/ou apoiadores as suas bandeiras, mas principalmente dar rosto e voz ao o que objetivam os movimentos de protestos. Para tanto, o direito de livre associação e reunião, bem como a liberdade de expressão são sem dúvida a conquista mais significativa dos movimentos sociais durante a história. E a rua se tornou cada vez mais elementar como arena de luta política para que se alcance as mudanças desejadas. Por isso, as

democracias são tão caras aos movimentos sociais e de protestos.

A **democracia** é, para os movimentos, tanto um objetivo quanto um meio. Ela faz muitas promessas (promessas que, mesmo hoje, não foram plenamente realizadas em lugar algum). Oferece **proteções** em relação a ações arbitrárias da parte do Estado (direitos humanos), assim como diversos direitos políticos: alguma **participação** nas decisões do governo, ou pelo menos em decisões importantes, alguma **responsabilização** do Estado por suas ações, e especialmente por seus erros; e alguma **transparência** no modo como ele toma decisões e age. Além desses elementos da cidadania política, formas posteriores de democracia também prometeram um nível mínimo de **bem-estar** econômico: saúde, moradia, alimentação (JASPER, 2016, p. 38-39).

Acontece que quando algumas dessas cláusulas contratuais do regime democrático são descumpridas por parte de quem é responsável por zela-las, neste caso o Estado, implicam em fontes potenciais de insatisfações que tendem a implicar em revoltas e protestos. A democracia diferentemente de regimes autocráticos, tendem a atrair maiores expectativas.

O regime que nos governa pode não ser uma ditadura nem um sistema totalitário, mas ainda não é uma democracia. E nenhum de nós quer viver nesse limbo, no purgatório entre um regime de absoluto autoritarismo e uma democracia esperada. Não queremos uma democracia em processo contínuo, incessante, de degradação, que já nasce velha. Por isso, quando as manifestações de ocupação insistem que ainda falta muito para alcançarmos a democracia real, elas colocam uma questão que até o momento não podia ter direito de cidadania, porque nos ensinaram que, se criticarmos a democracia parlamentar tal como ela funciona hoje, estaremos, no fundo, fazendo a defesa de alguma forma velada de autoritarismo (SAFATLE, 2012, p. 47).

O grande tsunami de manifestações que se expandiram na última década tem sido acompanhado por uma pauta em comum entre elas: a falta de credibilidade dos governos em atenderem as demandas de seus povos, por conseguintes o povo não se identifica com seus representantes, mesmo que legitimamente eleitos. É neste limbo entre povo e governo que representações cada vez mais autoritárias e controladoras de poder veem alcançando espaços em altos cargos dos regimes democráticos, tornando-se líderes carismáticos que estabelecem uma ligação emocional com as massas. Observa-se que “enquanto uma monarquia ou uma ditadura militar são impostas à sociedade de cima para baixo, a energia do fascismo é alimentada por homens e mulheres abalados por uma guerra perdida, um emprego perdido, uma lembrança de humilhação ou uma sensação de que seu país vai de mal a pior” (ALBRIGHT, 2018, p. 17). Quanto maior o sofrimento, o desalento, a profundidade da raiz da magoa de um povo, mais facilmente será para um líder fascista conquistar seguidores, pois as ideias radicais tendem a não deixar espaço para dúvidas e a expectativa de renovação ou prometer restituir a ordem e tudo mais que perderam tomam muita força.

Como resultado disso, vê-se na atualidade lideranças de grandes nações adotando

atitudes hora antes inimagináveis, tais como: Donald Trump nos Estados Unidos que desrespeita normas essenciais da democracia ao atacar as instituições democráticas e ao colocar sobre suspeita o judiciário do país; sem esquecer do caso brasileiro com a eleição de Jair Bolsonaro, o qual identifica-se com o perfil e modo operante de Trump. Durante a campanha chegou a se intitular o único representante legítimo do povo, apontando os opositores políticos de traidores e ilegítimos, como também atacou veementemente regras e normas institucionais do Brasil, ao elogiar a ditadura militar que assolou o país por duas décadas, exaltando a tortura e a morte.

A meu ver, um fascista é alguém com profunda identificação com um determinado grupo ou nação em cujo nome se predispõe a falar, que não dá a mínima para direitos de outros e está disposto a usar os meios que forem necessários – inclusive a violência – para atingir suas metas. A se julgar por esse prisma, um fascista provavelmente será um tirano, mas um tirano não necessariamente será um fascista (ALBRIGHT, 2018, p. 19).

Embora um regime democrático possa abarcar governantes tiranos, toda ação é sucedida de uma reação, assim como todo movimento pode vir acompanhado de um contra movimento, porque nenhum povo pensa e age de forma homogenia é que mesmo diante de um governo eleito legitimamente pela grande parcela popular, todos deverão consentir com suas ações. Por tais razões é premente entender que o povo “não é uma população definida, é constituído pelas linhas de demarcação que estabelecemos implícita ou explicitamente. [...] Nem todo esforço discursivo para estabelecer quem é ‘o povo’ funciona. A afirmação muitas vezes é uma aposta, uma tentativa de hegemonia” (BUTLER, 2018, p. 9). Por tanto, insistir na retórica que pode governar da forma que bem entender é uma falácia, já que o povo é uma multiplicidade de grupos, ideias, necessidades, desejos dentre outros aspectos.

Neste sentido, os movimentos de protestos de massa também não expressam necessariamente a vontade geral do povo, tendo em vista que cada um deles representa grupos que congregam desejos e objetivos próprios. Alguns grupos de protestos se transformam em grupos de interesses ou partidos políticos, como se viu a partir das manifestações deflagradas no Brasil em junho de 2013, movimentos identificados como de direita se constituíram em partido político, vieram posteriormente a concorrer a cargos públicos nas eleições de 2018. Outros, entretanto, permanecem organizados em movimentos sociais e, mesmos esses não representam a totalidade do coletivo do povo, ainda que lutem pelo que denominam de bem-estar comum.

Apesar disso, as manifestações de massa podem ser entendidas como uma forma de rejeição coletiva da precariedade social e econômica. Quando se observa a reunião de um aglomerado de pessoas nas ruas, praças ou em outros espaços públicos é o exercício do pleno direito de serem vistos, de aparecer, uma demanda corporal na luta por um conjunto de vidas mais visíveis (BUTLER, 2018). É uma crítica as desigualdades e formas

de exclusão cada vez mais aceleradas e a busca pela justiça, pela reparação dos danos de todos aqueles desalentados.

E todos aqueles que enxergam o abismo crescente entre ricos e pobres, que se veem como pessoas que perderam várias formas de segurança e garantia, também se consideram abandonados por um governo e por uma economia política que claramente aumenta a riqueza de poucos à custa da população em geral. Então, quando as pessoas se reúnem nas ruas, uma implicação parece clara: elas ainda estão aqui e lá; elas persistem; elas se reúnem em assembleia e manifestam, assim, o entendimento de que a sua situação é compartilhada, ou o começo desse entendimento (BUTLER, 2018, p. 32).

Esses “corpos políticos” ao gritarem por mais justiça demonstrando claramente que ainda permanecem ali ou aqui, que é premente soluções justas para demandas como assistência à saúde, educação pública, moradia digna, comida para todos dentre tantas outras. Se não aparecerem explicitamente como eixo central da manifestação, ainda assim estarão presentes em cada bandeira de luta protestada. O mundo atual tem tratado a tudo e a todos como descartáveis, desde as relações pessoais as de trabalho. Há um sentimento de desencanto, um mal-estar coletivo em virtude deste descompasso entre o eu e o mundo. Isso tem gerado muito adoecimento e compreender que o mal-estar vivido não é um problema individual, isolado, mas sim um problema da própria vida em sociedade. Esse novo olhar tende a incidir de forma diferente no trato com os sofrimentos, a partir da busca por sujeitos que experienciam as mesmas coisas que o próprio sujeito e desta forma constroem-se elos de solidariedade, mas também grupos ou movimentos de protestos.

Para tanto, os movimentos de protestos que serão examinados a seguir abordam demandas bastante contemporâneas, tendo em vista que tais movimentos se propagaram nesta última década e sentiram todos os problemas e mudanças que o mundo atual foi capaz de operar. Sendo assim, tratar-se-á de examinar alguns movimentos de protestos considerados de maior relevância social, cultural e política em curso.

### **3 | O QUE OS GRITOS DAS RUAS ESTÃO QUERENDO DIZER?**

A indignação, a insegurança e a desesperança tem sido a tônica desses movimentos e protestos de rua. A indignação com os governos que se mostram cada vez mais corruptos e indiferentes com as necessidades da população; a insegurança e instabilidade do trabalho, tanto para aqueles que tem e para aqueles que ainda não conseguiram uma colocação no mercado; e por fim, a desesperança a falta de perspectivas de mudanças, de bem-estar coletivo, de uma vida digna no presente e futuro.

Todos esses aspectos que permeiam a vida cotidiana de trabalhadores e trabalhadoras, sejam desses onde forem, se tornaram cruciais para que multidões tomassem as ruas, praças e espaços públicos das cidades. O que pode parecer reivindicações abstratas, tendo em vista alguns movimentos de protestos não apresentavam pautas objetivas, congregavam bandeiras de luta ainda mais complexas e abrangentes, pois se



referiam a um sistema global de consumo, de organização política, econômica e social que vêm precarizando cada vez mais a vida cotidiana. Para tanto, está claro que os protestos ocorridos ao longo desta última década envolvem demandas ainda mais radicais, diferentemente das revoluções proletárias ocorridas no século XIX.

O pano de fundo objetivo é uma crise social, econômica e financeira que se arrasta desde 2008 e tem como consequência a carestia dos gêneros alimentares e o aumento do desemprego, mas o grande impasse que está presente é a ausência de alternativas políticas organizadas. Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas partidárias e sindicatos vigentes, mas sem forjar ainda uma nova articulação organiza e representativa dos anseios de transformação e ruptura (CARNEIRO, 2012, p. 8).

A crise financeira vivenciada nos Estados Unidos em 2008 deixou feridas até o momento presente expostas. Os Estados Unidos e outros países, como o Brasil, experimentaram os impactos recessivos desse período. O desemprego disparou, sobretudo entre os mais jovens, e muitas empresas decretaram falência ocasionando em muitos desempregados. Ainda na atualidade, o nível de emprego em vários países não foi retomado desde o colapso daquela época. Diante desse cenário, o movimento *Occupy Wall Street* surge como um gesto formal de rejeição ao símbolo máximo do capitalismo moderno a bolsa de valores. Apesar dos questionamentos, como: “O que eles querem? ”, ou ainda, “Tanta queixa e lamúria – você sabe realmente o que quer? ” (ZIZEK, 2012), os ocupantes estavam certos sobre o que os indignava, tratava-se a respeito da desigualdade econômica, “demandas precisas dariam demasiada legitimidade e poder aos políticos, transformando os Ocupantes em queixosos impotentes diante das autoridades” (JASPER, 2016, p. 20).

Eles são acusados de não respeitar a propriedade privada – mas as especulações de Wall Street que levaram à crise de 2008 acabaram com mais propriedades privadas obtidas a duras penas do que se os manifestantes estivessem aqui as destruindo dia e noite – é só pensar nos milhares de casa desapropriadas [...]. Não estão destruindo nada, estão reagindo ao modo como o sistema gradualmente destrói a si próprio. *Todos nós conhecemos a cena clássica dos desenhos animados: o gato chega a um precipício e continua caminhando, ignorando o fato de não haver chão sob suas patas; ele só começa a cair quando olha para baixo e percebe o abismo. O que os manifestantes estão fazendo é apenas lembrar os que estão no poder de olhar para baixo* (ZIZEK, 2012, p. 17-18).

Em um mundo no qual as gerações mais jovens não conseguem vislumbrar um futuro profícuo, não é surpreendente que criem estratégias para se oporem ao que está sendo imposto. Sendo assim, milhares de trabalhadores, principalmente os mais jovens, entre 20 a 30 anos, apesar de estudarem, muitos nunca desfrutaram de um emprego estável ou se reuniram no Zuccotti Park, a poucos quarteirões de Wall Street para reivindicar por melhores condições de vida, especialmente de trabalho.

O próprio nome do movimento é convidativo e provocativo, *Occupy* quer dizer:

Ocupemos, e porque não? O sentimento de frustração, indignação e desalento de trabalhadores, principalmente os mais jovens, fizeram com que o movimento dos “ocupas” tomassem proporções globais. A partir do segundo semestre de 2011, o mundo pode acompanhar muitas praças e áreas públicas serem ocupadas por jovens trabalhadores reivindicando por melhores condições de vida, mas principalmente criticando a desigualdade econômica que se espalhava em toda parte.

Na Grécia, por exemplo, surge o Movimento dos Indignados Gregos, que partilhou características tanto do OWS, quanto com o Movimento dos Indignados da Espanha de maio de 2011. A conjuntura econômica e política da Grécia desde 2009 apresentava-se bastante turbulenta, em 2011 o país lutava contra a uma enorme e crescente dívida pública. Em 2009, a Grécia chegou a perder o direito de acesso ao mercado financeiro mundial, que consequentemente precisou fazer um resgate financeiro junto à União Europeia (EU) e ao Fundo Monetário Internacional. Para que este resgate pudesse ser realizado foi necessário estabelecer um acordo com a chamada *troika* – comitê de três membros, formada pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional – os quais estabeleceram prazos para o pagamento da dívida e exigiram reformas de cunho estruturais para o país. Com vistas a garantir os repasses da *troika*, o governo grego impetrou medidas de austeridade cada vez mais severas a população (BARBOSA, 2016).

[...] todo mundo sabe que “pacote de ajuda “ à Grécia não vai funcionar, mas ainda assim novos pacotes são repetidamente impostos ao país, num estranho exemplo da lógica do “eu sei, mas...”. Há duas visões principais a respeito da crise na Grécia na mídia pública: a visão germânico-europeia (os gregos são irresponsáveis e preguiçosos, gastam sem pensar e esquivam-se dos impostos, precisam ser controlados e disciplinados financeiramente) e a visão grega (a soberania nacional é ameaçada pela tecnocracia neoliberal de Bruxelas). [...] A Grécia não é uma exceção, mas um dos principais campos de teste para impor um novo modelo socioeconômico com pretensões universais: o modelo tecnocrático despolitizado, em que banqueiros e outros especialistas têm permissão para esmagar a democracia (ZIZEK, 2012, p. 23).

Apesar das promessas de recuperação fiscal por parte do governo grego, a dívida e a recessão só cresciam resultando em um aumento expressivo do desemprego, redução dos salários e pensões nos setores públicos e privados, ao mesmo tempo que aumentavam impostos já existentes e outros novos eram criados. O empobrecimento alcançou a classe média grega, constituindo uma nova geração de pobres e sem teto no país.

Neste panorama político, financeiro e social a população sufocada não encontrou outra alternativa a não ser manifestar-se publicamente contra as medidas tomadas pelo governo. Em consequência, em 23 de fevereiro de 2011 ocorre a primeira tentativa de ocupar a Praça *Syntagma*, localizada em frente ao parlamento grego, contudo a forte repressão policial e o número reduzido de manifestantes fizeram com que a tentativa se concluísse foi frustrada. Em outra parte, somente após as importantes ocupações realizadas

no dia 15 de maio de 2011, em Madri e Barcelona, os conhecidos Indignados da Espanha, vários chamamentos foram feitos através nas mídias sociais para que os espanhóis se manifestassem contra as desigualdades econômicas e sociais, algumas das mensagens dizia “Silêncio ou vamos despertar os gregos!” (BARBOSA, 2016).

Foi o estopim para os gregos. Em 25 de maio, os gregos tomaram as ruas de trinta e oito cidades gregas simultaneamente. A praça de *Syntagma*, em Atenas, tornou-se palco principal das manifestações gregas e os manifestantes prometeram não deixarem as ruas até que suas reivindicações fossem atendidas. Eles não reconheciam que a dívida contraída com a *troika* fosse sua, exigiam uma democracia direta, baseada em um modelo de governo justo e igualitário (BARBOSA, 2016).

Em 5 de junho do mesmo ano ocorreu o maior protesto já visto na Grécia, mais de dez mil manifestantes foram as ruas protestar contra as novas medidas de austeridades que o parlamento grego deveria ratificar e que assim o fez. O movimento dos Indignados Gregos foi fortemente atingido pela repressão e violência policial, a partir deste momento em diante a participação se reduziu gradativamente. “O povo foi para a praça com a convicção de que, depois de alguns dias de protestos contra o nosso governo, pelo menos os parlamentares ouviram a indignação popular. Pensava-se que eles iriam respeitar nossas exigências, nosso direito à igualdade, dignidade e trabalho” (GEORGIADOU, 2013, p. 41).

Fica claro que a desigualdade econômica afeta decisivamente o modelo democrático e seu funcionamento. Para os “ocupas” a questão que está na pauta política precisamente “a discussão de alternativas aos regimes econômicos desiguais e a experimentação do igualitarismo democrático radical. E, com exceção dos ricos, que de fato saem perdendo, participar dessa discussão é do interesse de toda população” (PESCHANSKI, 2012, p. 30). Assim como a Grécia em 2011, a China em 2014, no movimento global de protestos levou as ruas de seu centro financeiro - Hong Kong – milhares de manifestantes que reivindicavam por eleições democráticas, aquele movimento ficou conhecido como a Revolta do Guarda-chuva.

Novamente, no princípio de junho de 2019, a população hongkonesa retorna as ruas para protestarem contra um projeto de lei que previa que pessoas acusadas de crime contra a China continental poderiam ser extraditadas da Região Administrativa Especial de Hong Kong. A crítica acerca do projeto se fundamenta na ameaça da China cometer injustiças e violência no momento do julgamento desses extraditados, colocando em risco ativistas e jornalistas que se opusessem a China. No decorrer desses meses com a evolução dos protestos e das pautas travadas pelo movimento, ampliou-se as demandas dentre as elas a retomada do movimento pró-democracia já pautado em 2014, mas agora com mais ênfase, já que a população hongkonesa teme perder sua liberdade para o controle do governo chinês. Além disso, os manifestantes exigem que as autoridades não os nomeiem como “distúrbios”, anistia para todos os manifestantes presos, que se institua um inquérito independente acerca das acusações de violência policial e sufrágio universal para chefe do

executivo e membros do legislativo.

Dentre as pautas demandas pelo movimento, a primeira delas já foi atendida, no momento atual (agosto de 2019) a população hongkonesa permanece nas ruas na luta por menor interferência do Partido Comunista Chinês (PCC) nos rumos políticos da região. A questão da liberdade e as garantias democráticas são elementares para as mudanças radicais, “a chave para a verdadeira liberdade, em vez disso, reside na ‘apolítica’ de relações sociais, desde o mercado até a família, em que a mudança necessária, se quisermos melhoria efetiva, não é a reforma política, mas a transformação nas relações sociais ‘apolíticas’ de produção” (ZIZEK, 2012, p. 22).

Os governos são sem dúvida os alvos exponenciais das manifestações populares, “mesmo que não causem necessariamente um problema social, no mundo moderno esperamos que eles o resolvam, ou pelo menos temos a esperança de que façam” (JASPER, 2019, p. 8), ainda que o problema originalmente possa vir do governo e daqueles que o integram. No Brasil, governo não ficou a parte das reivindicações desta última década. Em 2013 o no País teve início uma onda de manifestações que se propagaram por todo país, nos anos de 2014 e 2015 essas manifestações se acentuam, culminando no afastamento da presidente Dilma Rousseff em 2016. As manifestações não cessam mesmo durante o processo eleitoral em 2018 e, mais recentemente em protestos contra o governo atual conservador de Jair Bolsonaro que impetra duros cortes na educação, da sacramenta uma reforma previdenciária, dentre outras medidas de austeridade que afetam até mesmo, o meio ambiente.

O Brasil, assim como muitos outros países, sentiu fortemente a crise global financeira de 2008. O governo enfrenta em 2013 muitas dificuldades econômicas “a chegada da crise foi pouco a pouco solapando e desmoronando o mito *petista* de conciliação” (ANTUNES, 2018, p. 262). Quando a crise recrudesce com força em 2014 e início de 2015, a camada dominante do país conclui que o ônus não pode recair sobre eles, a classe trabalhadora precisará arcar com os prejuízos. Sendo assim, a história mostra mais uma vez a força dos fatos, cortes nos seguros-desemprego são sancionados pela então Presidente Dilma Rousseff onerando mais uma vez aqueles que vivem do trabalho. Apesar de tudo que os governos Lula/Dilma tenham possibilitado as frações dominantes, em 2015 entendeu-se necessário encontrar outros subterfúgios para permanecerem no comando das decisões e, como por meio das eleições não foi possível retirar a representação da esquerda do poder foi “o momento de descartar um governo dócil e viabilizar um governo próprio, sem as marcas do PT, de Lula e de Dilma, para garantir a sua própria dominação burguesa em tempos de crise” (ANTUNES, 2018, p. 262).

Enquanto as jornadas de Junho de 2013, deflagradas pelo Movimento do Passe Livre (MPL), protestavam contra o aumento das passagens de ônibus, pelo direito ao acesso a cidade, durante os anos 2015 e 2016, o movimento de ocupação das escolas públicas fez com que mais de 500 escolas paralisassem suas atividades em diversas

regiões do Brasil, em virtude das péssimas condições que essas dispunham, bem como pelos salários ínfimos pagos aos professores. Já em junho de 2016, no auge da crise do governo Dilma, a população trabalhadora sentia a precarização e a degradação da classe “o desemprego atingiu 11,5 milhões de trabalhadores. [...] Junto com a alta do desemprego, a classe trabalhadora assistiu à forte deterioração de seus rendimentos, em queda de 4,2%, se comparados ao apurado entre abril e junho de 2015” (ANTUNES, 2018, p. 287).

Segundo a mídia, mais de 1 milhão de pessoas tomaram as ruas em 15 de março de 2015 para manifestar sua indignação – os organizadores falaram em 3 milhões. Enquanto os protestos de 2013 incluíram um elenco de temas de esquerda, os de 2015 foram mais estritamente concentrados no ataque ao PT [...]. Em março de 2016, novos protestos sacudiram o país. Milhões de pessoas foram às ruas protestar contra a corrupção e pedir o impeachment da presidente Dilma – a mídia registrou mais de 3 milhões de manifestantes, os organizadores falaram em mais de 6 milhões. Dias depois, milhares de pessoas também saíram as ruas, desta vez em mobilização contra o impeachment da presidente – segundo a mídia foram 300 mil manifestantes, para os organizadores, mais de 1 milhão (JASPER, 2016, p. 11).

Os anos que sucederam ao impedimento da presidente Dilma Rousseff, o governo de transição de Michel Temer enfrentou enorme resistência e repulsa popular. Manifestações e greves foram amplamente protagonizadas pela população, dentre elas a paralização dos caminhoneiros em maio de 2018, movimento esse que impactou diretamente tanto na saúde, educação, mas principalmente para economia do país, além de um enfraquecimento político. O processo eleitoral que culminou na eleição de Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, foi marcado por protestos pró e contra ao então candidato. Durante este período o país se mostrou bastante dividido, as relações interpessoais se acirraram em razão das posições políticas distintas, um clima de tensão e ódio foi se acentuando no país.

Neste momento, mesmo após assumir, o governo do presidente Jair Bolsonaro e seu grupo de dirigentes tem mantido posições que tendem a alimentar, ainda mais, este clima de tensão e ódio entre a população brasileira, devido a manifestações consideradas homofóbicas, racistas e sexistas. Além das medidas de austeridade direcionadas a áreas nevrálgicas para todo e qualquer país que almeje alcançar altos níveis de desenvolvimento como a educação vêm sendo atacada. Medidas fiscais que implicam diretamente na vida do trabalhador e o término de sua jornada de contribuição irá acontecer com a Reforma da Previdência Social. Evidentemente em menos de um ano de governo, inúmeros protestos e manifestações foram se multiplicando pelo país, contrapondo-se as medidas de austeridade na área da educação, da previdência social, do meio ambiente entre outras que venham a prejudicar aqueles que vivem do trabalho e que acreditam no potencial do Brasil. Por tais razões as manifestações não cessam, mesmo que o governo por vezes, ignore os clamores das ruas, a estratégia continua a ser dar voz e vez aqueles responsáveis por fazer a nação crescer. Assim, os trabalhadores nas ruas gritam por direitos e melhores condições de vida digna.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos de protestos que se espalharam pelo mundo nesta última década se caracterizam pela perda de direitos sociais, políticos e sindicais, caracterizados principalmente por uma maior exclusão de direitos das novas gerações de trabalhadores, a população jovem. Esses últimos não vislumbram perspectivas de estabilidade, segurança e garantias de desenvolverem-se plenamente suas vidas por meio do trabalho.

Portanto, fica evidente que o cenário de desregulamentação global e perda de direitos sociais em nome da “flexibilização” só tem ampliado a nova camada social precarizada centrada nos mais jovens. Esses jovens são responsáveis por debates fundamentais para o desenvolvimento da humanidade e para a cena contemporânea ao tratarem de problemas centrais como a exploração do mundo do trabalho, a financeirização da vida, a expropriação do meio ambiente, em suma a carência de projetos coletivos para o futuro.

Não se pode ignorar que os movimentos de protestos desta década são bastante peculiares e apresentam um elo em comum, a precarização do mundo do trabalho. Mesmo assim, as formas de organização, chamamento e performance são bastante diferentes dos acompanhados durante o século XIX. Atualmente se trata de trabalhadores jovens em sua grande maioria, que na maior parte das vezes nunca tiveram experiência no mercado de trabalho formal, apesar de estarem ou de já possuírem formação superior.

Esse novo mundo que ao mesmo tempo possibilita redes de comunicação e multiplicação de conhecimentos ínfimas, não garantem ao homem real que sobreviva do conhecimento produzido por ele próprio. Isso faz com que cada vez mais essa nova geração de trabalhadores se unam para reivindicar por melhores condições e oportunidades de trabalho, mas também se preocupem em construir juntos uma nova forma de sociabilidade humana.

## REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo: um alerta**. São Paulo: Planeta, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARBOSA, Raul Felix. **Aganaktismeni: o movimento grego entre razão e emoção**. Sinais n. 20 jul-dez de 2016, Vitória/Brasil. Acesso em: 05 de agosto de 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Larissa/Downloads/12334-40657-1-PB%20(2).pdf>

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas por uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARNEIRO, Henrique Soares. **Rebeliões e ocupações de 2011**. IN: HARVEY, David (org). *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

GEORGIADOU, Vassiliki. Right-Wing Populism and Extremism: the rapid rise of golden dawn in crisis-ridden Greece. In: MELZER, Ralf; SERAFIN, Sebastian (orgs.). **Right-wing extremism in Europe**. Berlin: Friedrich Ebert, 2013.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PERSCHANSKI, João A. **Os “ocupas” e a desigualdade econômica**. IN: HARVEY, David (org). Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

SAFATLE, Vladimir. **Amar uma ideia**. IN: HARVEY, David (org). Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **O violento silêncio de um novo começo**. IN: HARVEY, David (org). Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Altamira 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107

Aperfeiçoamento 30, 37, 38, 41, 50, 52

Aprendizado 16, 18, 22, 112, 118

Autônomo 55, 168, 203

### B

Behavior 134, 136, 137, 144, 161, 211

Biblioteca 22, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 172, 221

Blockchain 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

Brasil 4, 5, 6, 8, 10, 12, 13, 24, 25, 28, 30, 33, 34, 35, 38, 42, 45, 46, 52, 53, 55, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 96, 97, 99, 102, 104, 105, 106, 111, 113, 119, 120, 122, 124, 126, 127, 131, 132, 133, 150, 152, 154, 157, 158, 159, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 190, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 208, 209, 210, 220, 232

### C

Combate 44, 70, 83, 86, 88, 92, 96, 98, 161, 162, 164, 166, 167, 169, 170, 177, 179, 182, 183, 184

Conflitos 60, 68, 70, 72, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 120, 214, 228, 230

Covid-19 1, 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 58

Crioulas 109, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 119, 120

### D

Dicotomia 75, 76

Drogas 34, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 98, 99, 102, 226

### E

Empreendedorismo 16, 17, 18, 22, 205

Empresas 16, 17, 18, 19, 20, 22, 56, 57, 85, 100, 154, 164, 166, 170, 186, 187, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 204, 206, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221

Estado 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 49, 55, 56, 57, 59, 64, 72, 84, 85, 87, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 111, 116, 119, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 151, 161, 162, 163,



164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 179, 182, 184, 189, 198, 203

## I

Impacto 7, 14, 41, 73, 83, 84, 87, 89, 102, 112, 166, 168, 186, 190, 192, 193, 226, 230

Inconstitucional 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 14, 15

Ineficácia 1

Informação 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 66, 90, 150, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 181, 187, 193, 194, 196, 204, 233

Interdisciplinaridade 16, 18, 119

## L

Logística 32, 86, 186, 187, 192, 193, 194, 195

## M

Massacre 92, 93, 95, 98, 99, 100, 102, 104, 105

Movimentos 58, 109, 114, 119, 120, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 160, 164, 197, 202, 204, 222

Multidimensional 134, 137

Mundo 6, 17, 24, 43, 59, 73, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 87, 149, 150, 153, 154, 155, 157, 159, 163, 164, 166, 174, 189, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 226, 230, 232

## P

Paris 64, 92, 106, 108, 147, 150, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 183, 232

Polícia 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 86, 87, 97, 98, 168

Portugal 123, 134, 135, 138, 140, 141, 147, 148

Povo 3, 106, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 132, 150, 151, 152, 156, 166

## R

Registro 32, 33, 35, 40, 42, 49, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 183, 206, 212

Revolução digital 196, 197, 198, 201, 202, 204, 207, 208

Riqueza 75, 76, 77, 78, 81, 117, 127, 153, 166, 173, 200, 203

Rondônia 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36

Ruas 31, 132, 149, 150, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 223, 227, 230, 232, 233

## S

Segurança 4, 9, 14, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 49, 62, 68, 69, 71, 72, 73, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 99, 100, 114, 115, 119, 130, 153, 159, 163, 165, 181, 189, 190, 192, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 233

## T

Trabalho 1, 2, 6, 7, 11, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 43, 44, 45, 48, 50, 57, 62, 68, 69, 75, 76, 81, 84, 87, 88, 90, 94, 95, 98, 102, 124, 130, 131, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 169, 187, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 233

Tráfico 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 97, 98, 99, 100, 102

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional

  
Ano 2022

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional

  
Ano 2022